

BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

JANEIRO DE 2026

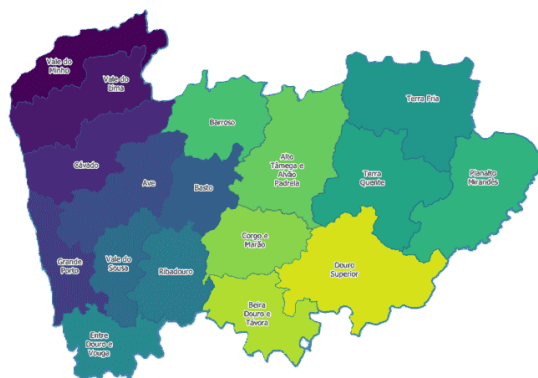
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas ([INE](#)) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais - Vila Real

5000-421 - VILA REAL, PORTUGAL

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ agrodigital.sia@ccdr-n.pt

<https://agrodigital.ccdr-n.pt/sia/Informação-Agrária/Estado-das-Culturas>

Capa: Ovinos em pastoreio, em sob coberto de castanheiros, Prada - Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

Ano novo, clima velho. Assim se poderá caracterizar a entrada em 2026, com o mês de janeiro a dar continuidade ao frio, ao vento e à precipitação registados no final do ano anterior.

Em janeiro, o território nacional, e a região Norte em particular, foram atravessados por um “comboio” de tempestades e depressões oriundas do Atlântico, que trouxeram consigo muito frio, queda de neve a cotas mais baixas que o usual, ventos fortes com elevado poder de destruição e grandes volumes de precipitação persistente.

Estas condições levaram à destruição de estruturas (casas, armazéns, muros, taludes, estradas, caminhos agrícolas, ...), alagamento de terrenos com a consequente destruição ou atraso de desenvolvimento das culturas aí instaladas, atraso na realização de trabalhos como podas, sementeiras e controlo de vegetação infestante e ainda a necessidade acrescida de estabular e fornecer alimentos secos aos diferentes efetivos pecuários.

Grande parte das barragens, charcas e outras estruturas de retenção de água atingiram a sua capacidade máxima, com a necessidade de abertura de comportas e eventuais alagamentos das zonas a jusante.

Foram várias as linhas de água que saíram do seu curso, alagando os terrenos em redor e impossibilitando a circulação. Os terrenos superaram a capacidade de campo e as chuvas levaram ao arrastamento de muros, terras, caminhos e outras estruturas, obrigando ao encerramento de várias estradas por toda a região.

Em janeiro terminou a colheita da azeitona e a laboração de azeite, com a generalidade dos lagares a reportar bons níveis de produção e elevada qualidade.

A campanha dos cereais e das forragens começa a evidenciar algum grau de comprometimento, em resultado da pluviosidade persistente, que condiciona o desenvolvimento vegetativo das plantas.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	6
1.1	Entre Douro e Minho	6
1.1	Trás-os-Montes	11
2	<i>Fitossanidade</i>	20
2.1	Entre Douro e Minho	20
2.2	Trás-os-Montes	21
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	24
3.1	Entre Douro e Minho	24
3.2	Trás-os-Montes	25
4	<i>Fruticultura</i>	33
4.1	Entre Douro e Minho	33
	Citrinos	33
4.2	Trás-os-Montes	34
	Citrinos	34
	Pomóideas, Prunóideas	34
	Sabugueiros	35
5	<i>Olival</i>	36
5.1	Entre Douro e Minho	36
5.2	Trás-os-Montes	37
6	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	41
6.1	Entre Douro e Minho	41
6.2	Trás-os-Montes	45
7	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	51

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 1. Paisagem rural coberta de neve, Lordelo, zona de observação do Lima
 Foto gentilmente cedida pela colaboradora da RISA, Natália Dias

Ao longo do mês de janeiro, os caudais dos rios e ribeiros foram aumentando devido à chuva contínua e persistente.

A presença de uma massa de ar frio, de origem polar marítima, fez-se sentir de forma mais acentuada durante a noite e ao início das manhãs. A combinação de ar frio, humidade elevada e vento contribuiu para uma sensação térmica mais baixa, sobretudo nas primeiras horas da manhã e ao final do dia.

Até dia 28 de janeiro persistiram os alertas amarelos para diversos distritos, com possibilidade de queda de neve acima dos 600/800m.

A partir de dia 21 de dezembro registaram-se três períodos com queda de neve na zona de observação do Entre Douro e Vouga – na Serra de Montemuro (700m de altitude, na zona do pastoreio), na Serra da Senhora da Mó (700m de altitude) e na Serra da Freita (1100m de altitude).



Figuras 2 e 3. Linha de água com caudal abundante no alto da serra D'Arga, Caminha, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Figura 4. Campo encharcado, Ponte de Lima, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 5. Campo encharcado, Afife, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

A normal climatológica (1981–2010) da precipitação média acumulada para o mês de janeiro (mm) é de 168,1. Da análise do gráfico nº 1, constata-se que a precipitação ocorrida foi superior à normal em 68,9mm, considerando apenas o período entre 13 e 30 de janeiro.

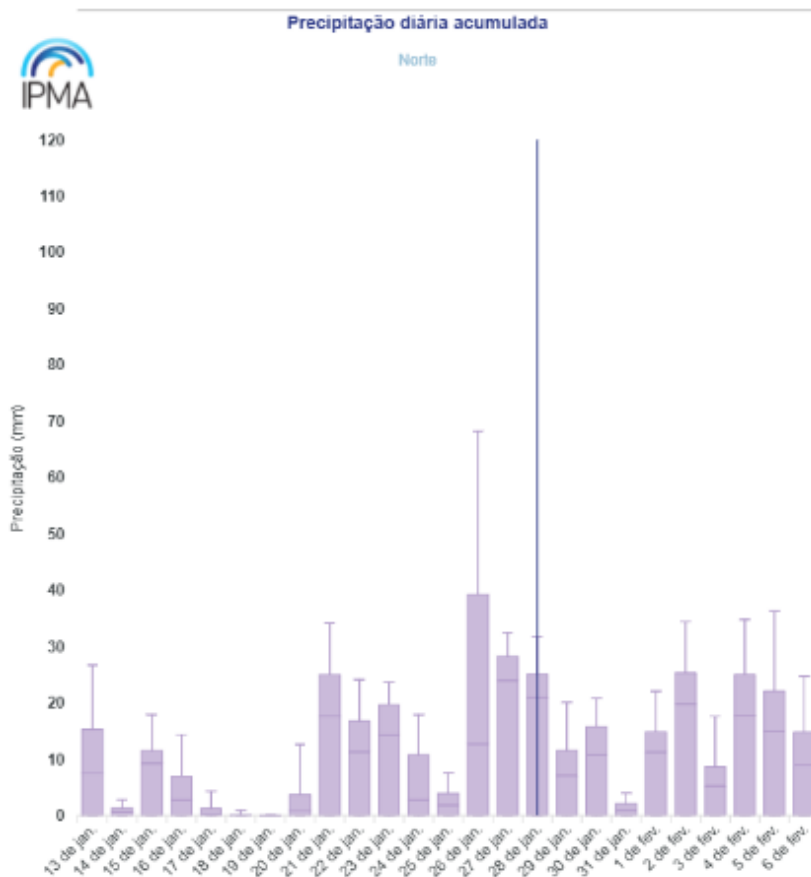


Gráfico nº 1. Precipitação diária acumulada entre 13 e 30 de janeiro de 2026, no Norte de Portugal

Fonte: Plataforma agroclimática do IPMA



Figura 6. Rio das Pontes, afluente do rio Ave, 27.01.2025, Sande São Clemente – Guimarães, zona de observação do Ave

Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos



Figura 7. Terrenos alagados junto a um afluente do rio Cávado, na Veiga de Prado e Cabanelas – Vila Verde, zona de observação do Cávado
 Foto por: Maria Laura



Figura 8. Linha de água alvo de intervenção, Sta Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga
 Foto por: Isabel Correia

Os solos há muito que ultrapassaram a capacidade de campo, estão encharcados e tem sido impossível dar continuidade a alguns trabalhos de inverno, como sementeiras de cereais e forragens. As podas em vinhas e em pomares de kiwi e mirtilo vão sendo realizadas muito lentamente, constatando-se que estão muito atrasadas comparativamente com o ano anterior.

Sendo a normal climatológica (1981-2010) da temperatura média das médias de 9,4°C, da média das mínimas de 4,8°C e da média das máximas de 14°C para o mês de janeiro, podemos constatar pela análise do quadro nº 2 que as temperaturas registadas este mês são inferiores às normais, na grande maioria dos dias.

Considerando as necessidades de horas de frio da vinha (entre 200 e 300h), do kiwi (entre 700 a 900h), da amendoeira (entre 200 a 500h), do castanheiro (entre 300 a 500h) e da oliveira (entre 100 a 300h), é seguro afirmar que o frio sentido em janeiro é indiciador de que a quebra da dormência está a decorrer com normalidade e que o consequente desenvolvimento vegetativo virá a decorrer em boas condições (ver gráfico nº 3).



Gráfico nº 2. Variação da média das temperaturas máximas (castanho), médias (amarelo) e mínimas (azul), registadas no Norte de Portugal, durante o mês de janeiro de 2026

Fonte: Plataforma agroclimática do IPMA

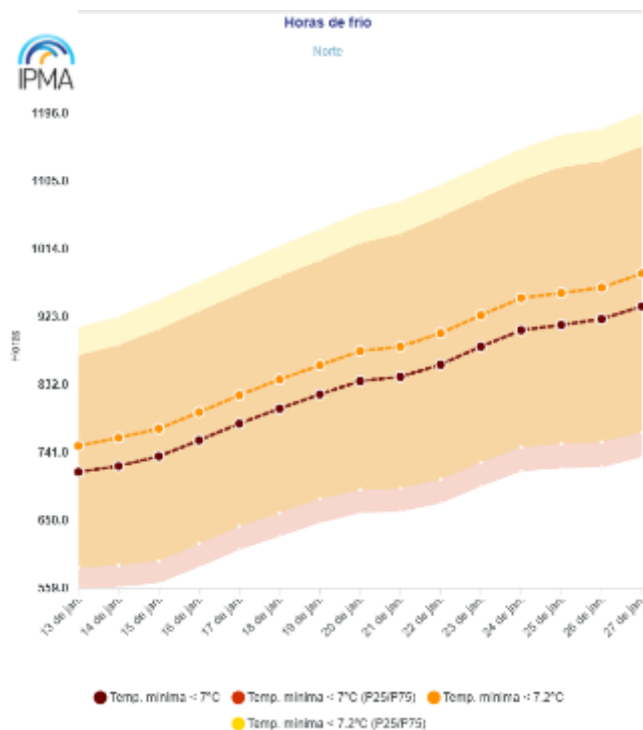


Gráfico nº 3. Número de horas de frio – a linha amarela considera a temperatura inferior a 7,2°C e a linha castanha considera a temperatura inferior a 7,0°C

Fonte: Plataforma agroclimática do IPMA

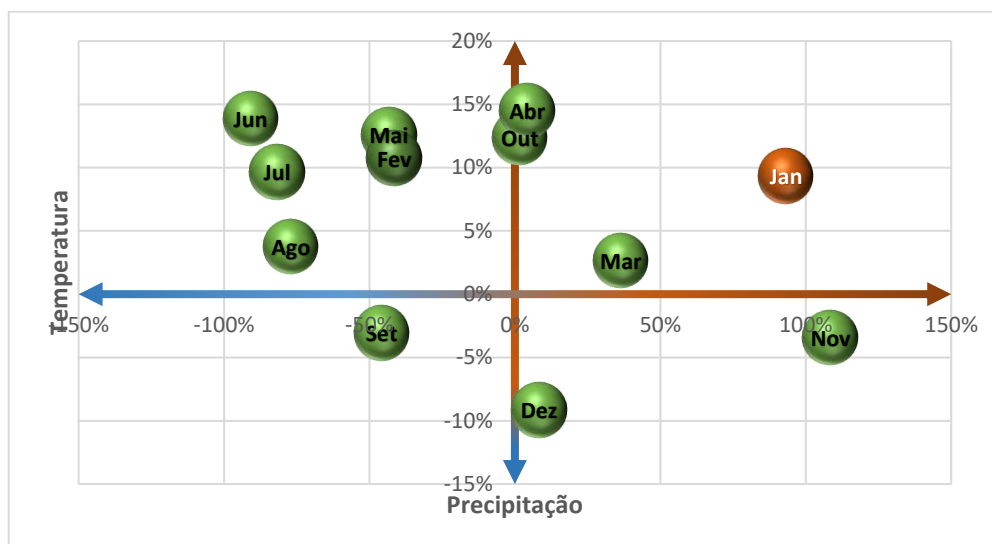


Figura 9. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

1.1 Trás-os-Montes

Do ponto de vista meteorológico, o início de 2026 ficou marcado por uma grande instabilidade, com a primeira quinzena a alternar entre dias chuvosos e frios, com dias mais solarengos. Na segunda quinzena do mês as temperaturas baixaram consideravelmente, com a média e a máxima a assumirem valores próximos da normal climatológica e a mínima sempre superior. O frio mais intenso, os nevoeiros mais densos, a formação de gelo e as geadas noturnas intensificaram-se a partir do dia 19, com o nordeste transmontano a registar fenómenos de *sinceno* ou *sincelo* (acumulação fora do normal de gelo em todo o tipo de superfícies, especialmente em árvores, dando um aspeto característico à vegetação e à paisagem).

Naquela que se prevê ser uma época de tempestades muito ativa, o mês de janeiro iniciou com a tempestade “Francis”, que trouxe consigo muita chuva e frio (à semelhança dos fenómenos atmosféricos anteriores). Ao longo do mês o IPMA alertou para a passagem de outras tempestades – “Goretti”, “Harry” e “Ingrid” – com esta última a justificar a emissão de avisos laranjas e vermelhos, devido à ocorrência de ventos fortes e precipitação intensa, que nas cotas acima dos 600/800m de altitude se traduziu num forte nevão e formação de gelo.

Ao longo do mês as temperaturas mantiveram-se muito baixas (as máximas não ultrapassaram os 14°C e as mínimas desceram quase até aos -5°C), a neve foi frequente nos pontos mais altos da região e a precipitação registada elevou os níveis de água no solo até ao seu valor máximo – capacidade de campo. A humidade relativa máxima também se fixou quase sempre nos 100%.



Figuras 10 a 12. Cenários de extrema beleza em parcelas de soutos e pastagens permanentes, após a passagem da depressão “Chandra”, Martim, Bragança,
Fotos gentilmente por: Elza

A precipitação atingiu valores particularmente elevados entre 26 e 30 de janeiro, aquando da passagem das depressões “Joseph”, “Chandra” e “Kristin”, com o distrito de Vila Real a registar 140mm de chuva entre essas datas e o distrito de Bragança a aproximar-se dos 90mm no mesmo período, favorecendo dessa forma a reposição da água nos solos, nas linhas de água e nos aproveitamentos para rega, mas também os alagamentos, as escorrências superficiais, as derrocadas e a destruição de várias estruturas – parcelas agrícolas e estruturas de apoio (muros de suporte de terras, armazéns, caminhos,...) – levando ao encerramento de inúmeras estradas e caminhos (ver fotos 13 a 16).



Figuras 13 e 14. Derrocadas de encosta sobre caminhos públicos, S. João da Pesqueira

Fonte: Página do Facebook da União de Freguesias de S. João da Pesqueira e Várzea de Trevões



Figuras 15 e 16. Derrocadas de encosta e de muro de pedra posta, Tabuaço

Fonte: Página do Facebook da Câmara Municipal de Tabuaço

A Evapotranspiração de Referência (ET_0)¹ variou entre os 0,2 – 1,2mm no nordeste transmontano (distrito de Bragança) e os 0,1-0,9mm no distrito de Vila Real. Na sua [plataforma agroclimática](#), o IPMA emitiu inúmeros avisos para a agricultura, a maioria dos quais alertando para a ocorrência de episódios de geada, com impacto em algumas culturas da região.



Figura 17. Avisos agroclimáticos emitidos pelo IPMA ao longo do mês de janeiro

Com as sucessivas vagas de frio polar, o somatório das horas de frio (temp. mínima <7,2°C) elevou-se bastante, favorecendo a quebra de dormência das fruteiras, bem como uma floração uniforme e uma frutificação de qualidade.

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

O número de horas de frio estimado e apresentado pelo IPMA para Bragança foi de 1185 horas (até ao dia 22 de janeiro), valor superior ao do ano anterior em igual período (963 horas). Para Vinhais, até à mesma data foram contabilizadas 1218 horas, contra as 935 horas do ano anterior.

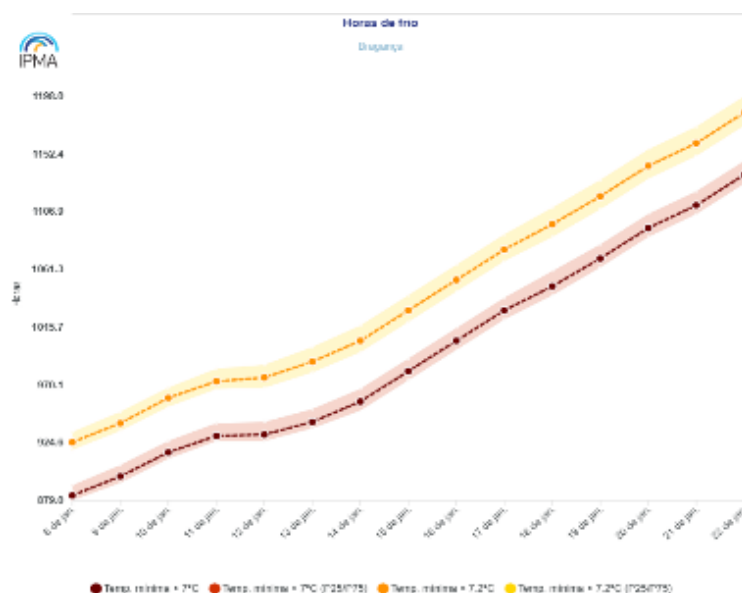


Gráfico 4. Número de horas de frio em Bragança

Fonte: Plataforma agroclimática do IPMA

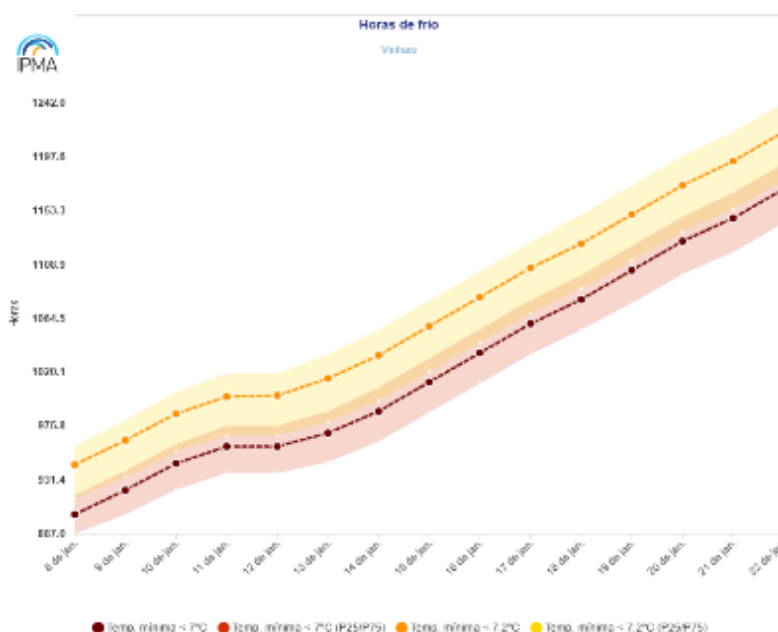


Gráfico 5. Número de horas de frio em Vinhais

Fonte: Plataforma agroclimática do IPMA

Este diferencial poderá vir a ter um impacto muito positivo nas principais fruteiras da região, como sejam a amendoeira, a cerejeira, a noqueira e o castanheiro.

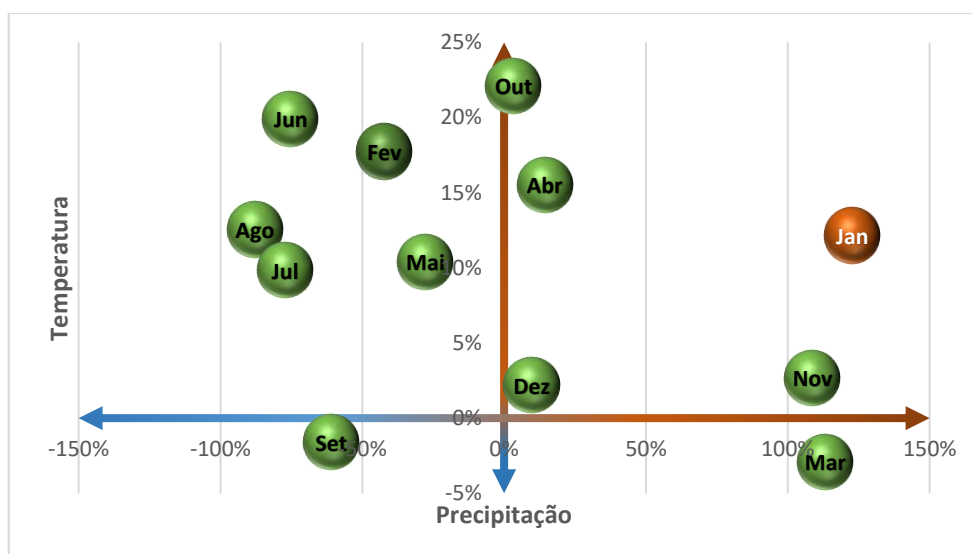


Figura 18. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

Por toda a área de observação da Terra Fria é possível observar que os solos dispõem de muita humidade e estão maioritariamente encharcados. As reservas hídricas da região já recuperaram os níveis e em campo são visíveis as escorrências nas linhas de água temporárias e nas agueiras dos lameiros. Quando comparada com o ano anterior, a situação hidrológica presente é mais favorável.

As bacias hidrográficas, as barragens, nascentes, poços, furos e charcas recuperaram os níveis de armazenamento de água e estão neste momento próximos do normal, à exceção da barragem de Gostei, onde as obras de limpeza e melhoria das infraestruturas ainda decorrem. Esta infraestrutura apresenta problemas estruturais e perde água de forma considerável, mas apesar disso a quantidade armazenada é superior, quando comparada com igual período do ano anterior (ver fotos 19 e 20).

Relativamente à barragem de Prada, a sua capacidade de armazenamento é atualmente de 100%, tal como em igual período do ano anterior (ver fotos 21 e 22).



Figura 19. Barragem de Gostei, 13.01.2025, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 20. Barragem de Gostei, 14.01.2026, Gostei - Bragança



Figura 21. Barragem de Prada, 19.01.2025, Prada - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 22. Barragem de Prada, 21.01.2026, Prada - Vinhais

No Planalto Mirandês as condições são idênticas, com a precipitação intensa a provocar a saturação dos solos e consequente acumulação e escorrência das águas à superfície. As barragens encontram-se na sua capacidade máxima.

No que respeita o somatório de horas de frio, o número de horas estimado pelo IPMA para Mogadouro é de 1154 horas, superando as 891 horas do ano anterior.



Figuras 23 e 24. Barragem de Penas Roias em nível de pleno armazenamento e a transbordar pelo vertedouro, 14.01.2026, Penas Roias – Mogadouro
 Fotos por: Miguel Martins



Figuras 25 e 26. Charca em Castelo Branco, a cerca de 80-85% da sua capacidade, 14.01.2026, Castelo Branco – Mogadouro
 Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Quente regista-se um aumento expressivo da água armazenada, com várias albufeiras a atingirem a sua capacidade máxima. Este acréscimo resulta, essencialmente, da elevada precipitação registada nos últimos meses, caracterizada por episódios de chuva intensa e persistente, que promoveram a recarga eficaz das albufeiras.

Do ponto de vista da gestão dos recursos hídricos, este aumento da disponibilidade de água em janeiro de 2026 constitui um fator positivo para o planeamento do ano hidrológico, garantindo maior segurança no abastecimento, maior capacidade de resposta às necessidades agrícolas e uma melhoria global das condições de resiliência, face a períodos de escassez futura.

Do ponto de vista agrícola, a melhoria das reservas hídricas traduz-se numa maior segurança no abastecimento de água para rega, possibilitando um melhor planeamento das culturas e uma redução do risco associado a eventuais períodos de escassez durante o ciclo vegetativo.



Figuras 27 e 28. Barragem de Vale Madeiro em janeiro de 2025 (esq.) e janeiro de 2026, Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes

O armazenamento na barragem de Temilobos (em Armamar) subiu consideravelmente, se tomarmos em consideração os níveis de dezembro, situando-se em níveis superiores aos do ano anterior, embora ainda esteja longe de atingir a cota máxima (ver fotos 29 a 32).



Figura 29. Barragem de Temilobos, 21.01.2025
Fotos por: Suzana Fonseca

Figura 30. Barragem de Temilobos, 13.01.2026



Figura 31. Barragem de Temilobos, 21.01.2025

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 32. Barragem de Temilobos, 13.01.2026

De um modo geral, constata-se que as reservas hídricas estão a ser repostas, com as linhas de água a correr abundantemente e a atingir níveis muito elevados.



Figuras 33 e 34. Leito do rio Varosa, junto à Ponte de Ucanha - Tarouca, 13.01.2026

Fotos por: Suzana Fonseca

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

Este é um período crítico para a disseminação, pela região do Entre Douro e Minho, da Bacteriose da actínídea – PSA (*Pseudomonas syringae* pv. *actinidiae*), devido às condições de humidade durante a realização da poda (transmissão através dos utensílios de poda, nos cortes das plantas).

A precipitação contínua não permitiu a realização de tratamentos fitossanitários de inverno nas culturas permanentes, nomeadamente nos citrinos, verificando-se abundante queda de fruto provocado pelo Míldio. Os ataques de *Phytophthora* spp. registam-se durante o outono e inverno, uma vez que o fungo necessita de longos períodos húmidos e frios ou chuvas abundantes.

A Estação de Avisos do EDM emitiu, a 23 de janeiro, a Circular 1/2026, fazendo recomendações para a plantação da vinha, recomendam-se medidas preventivas a ter na poda da actínídea, bem como às culturas de pequenos frutos. Para as pomóideas, prunóideas, citrinos, castanheiro, noqueira, batateira e hortícolas são feitos alertas quanto às medidas preventivas a serem seguidas nestas culturas, na época de inverno.

No final da Circular encontramos uma tabela com o número de horas de frio por local, assim como dados de precipitação acumulada (mm) desde 1 de outubro até 21 de janeiro de 2026. No quadro 5 (página 15) está uma tabela acerca da sensibilidade das macieiras às doenças fitossanitárias. No quadro 6 (páginas 16 a 18) encontramos uma tabela com a sensibilidade da batateira a pragas, doenças e condições edafoclimáticas desfavoráveis. Nas últimas páginas (19 a 25) estão listados vários produtos homologados para a Bacteriose do kiwi, Lepra do pessegueiro e várias doenças dos castanheiros. Está também incluído nesta Circular um folheto de divulgação sobre a fertilização orgânica na defesa da saúde do solo e das culturas (página 26).

2.2 Trás-os-Montes

Em janeiro encontramos a grande maioria das culturas permanentes em fase de repouso vegetativo, pelo que não há registo de ocorrências de pragas ou doenças.

As baixas temperaturas que se verificaram este mês favoreceram a vernalização, processo endógeno que permite que as plantas de regiões temperadas sobrevivam ao período de inverno sem danos fisiológicos, induzindo a diferenciação floral e florescendo quando as temperaturas atingem valores mais adequados à polinização e à produção de sementes.

Este rigor térmico, associado à queda de neve e à precipitação intensa, é em tudo benéfica para as principais culturas da Região, limitando a atividade biológica de alguns fungos nas culturas agrícolas e contribuindo para a eliminação de parte dos insetos hibernantes, minimizando a sua ação negativa.



Figura 35. Pomar de macieiras podado e com vegetação espontânea controlada, 13.01.2026, Armamar
 Foto por: Suzana Fonseca

Nas pomóideas e na vinha ainda decorre a poda e são visíveis os esforços para o controlo da vegetação espontânea, quer ao longo da linha de plantação, quer na entrelinha, bem como a aplicação de substâncias antifúngicas de ação cicatrizante (após as podas). Face às condições de humidade do solo, vai ser imperativo voltar ao controlo da vegetação durante a primavera. Os trabalhos de poda de manutenção/formação têm-se estendido a outras culturas permanentes, nomeadamente ao olival, à vinha, aos castanheiros e às amendoeiras (ver fotos 36 a 38).

Durante este mês também se realizou a aplicação de corretivos ao solo (calcário e alguns adubos) e a preparação das parcelas para posterior plantação e/ou reposição de falhas que morreram durante o verão, quer por motivos de seca, quer devido aos incêndios (fotos 39 e 40).



Figura 36. Vinha durante a realização da poda, conduzida em cordão bilateral, 14.01.2026, Vila Real

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 37. Vinha tradicional, após a realização da poda, 13.01.2026, Armamar



Figura 38. Vinha durante a realização da poda, Rebordelo - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 39. Reposição de castanheiros após incêndio, Quirás - Vinhais



Figura 40. Instalação de castanheiros numa parcela anteriormente de culturas arvenses, Quirás - Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

Na Terra Fria também se observa que alguns produtores fazem aplicação de cobre no período de inverno, para que as plantas possam beneficiar da sua ação preventiva e curativa após a realização da poda. Muito pontualmente, assinala-se a aplicação de pastas cicatrizantes em culturas como o castanheiro, a amendoeira e o olival.

Contudo, e face às condições meteorológicas dos últimos dias, os trabalhos de campo tiveram de ser interrompidos, com grande parte das podas ainda por realizar.

Confirmando a informação do mês anterior, prestada pelos Técnicos das unidades de transformação desta sub-região, a azeitona apresentou-se até ao final da campanha em bom estado fitossanitário, dando origem a azeite de excelência.

A 26 de janeiro, a Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiu a Circular 01/2026, onde são divulgadas as medidas de proteção e controlo da Doença da Tinta do Castanheiro (*Phytophthora cinnamomi* e *P. cambivora*) e do Cancro do Castanheiro (*Cryphonectria parasitica*), que devem ser seguidas no decurso das operações de manutenção de soutos instalados ou em novas plantações.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Entre Douro e Minho



Figura 41. Área onde se iniciou a preparação do terreno para a sementeira da aveia para grão, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 42. Desenvolvimento vegetativo de centeio semeado em dezembro, - Braga, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

A quantidade e persistência da precipitação nas últimas semanas de janeiro atrasou as sementeiras e não beneficia o desenvolvimento das searas já semeadas. A informação de que, pelo menos um produtor habitual de trigo da zona de observação de Ribadouro substituiu esta cultura por uma consociação forrageira é indicadora do contínuo desinteresse pelo cultivo de trigo na sub-região do EDM.

A previsão é de que a área semeada de centeio, trigo e aveia se mantenha igual à registada o ano passado.

3.2 Trás-os-Montes

O comportamento dos cereais em Trás-os-Montes varia um pouco, em função da área analisada, sendo comum o facto de terem sido tardiamente semeados um pouco por todo o lado.

Na **Terra Fria** os cereais de outono/inverno apresentam um fraco desenvolvimento vegetativo, associado não só à sementeira tardia, mas também ao excesso de humidade no solo, que comprometeu a germinação e o afilhamento.

Quando comparamos com igual período do ano anterior, constatamos que nessa altura as plantas já revestiam os solos, ao contrário deste ano em que se apresentam pequenas e com um tom amarelado, consequência do excesso de precipitação e frio.

A aveia e o centeio são as que se encontram em pior estado, com o sistema radicular pequeno e a parte aérea da planta pouco desenvolvida.



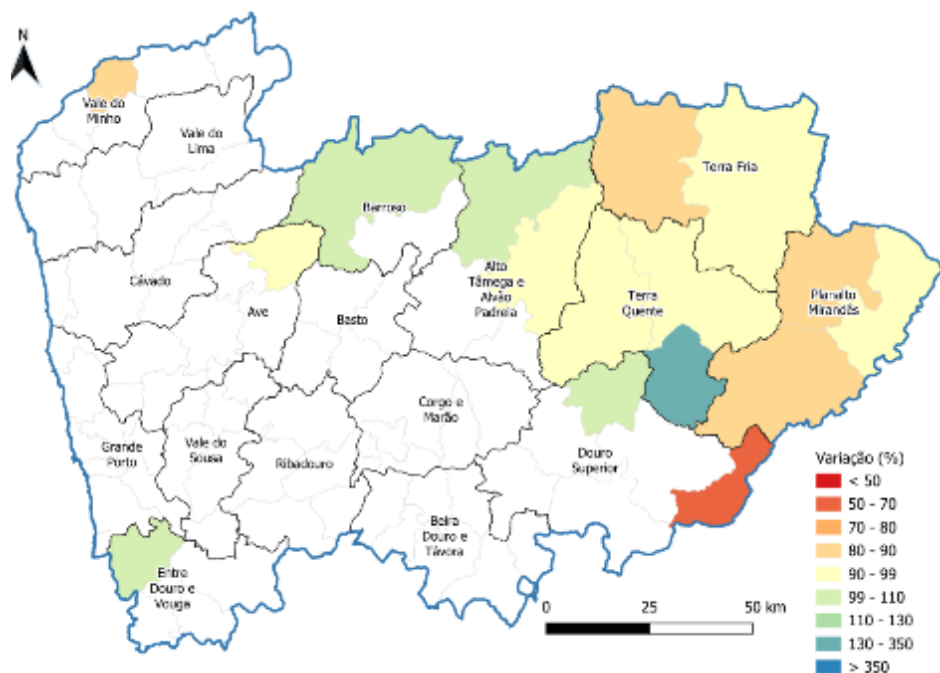
Figura 43. Cereais de out/in (centeio), janeiro de 2026, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 44. Cereais de out/inv, janeiro de 2026, Rebordelo - Vinhais

Relativamente às áreas, tudo indica que sofram uma ligeira diminuição, pois muitos produtores não semearam a tempo as culturas cerealíferas, devido às condições meteorológicas registadas no final do verão (muito quente e seco, com os solos compactados e difíceis de mobilizar) e no início do outono (período muito chuvoso, durante dias consecutivos). Prevê-se que a área semeada de centeio, tritcale e trigo sofra uma ligeira diminuição, pois tem sido esta a tendência verificada nos últimos anos ao nível do Pedido Único.



Mapa 1. Evolução da área semeada com aveia para grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024



Figura 45. Cereais de out/in, janeiro de 2024, Deilão - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 46. Cereais de out/inv, janeiro de 2024, Deilão - Bragança

Outro fator que poderá contribuir para a manutenção das áreas de cereal é a disponibilidade de feno e de forrageiras que ocorreu no último ano agrícola, assegurando a alimentação animal na próxima campanha.

Paralelamente, em campo constata-se a tendência dos últimos anos, em que parcelas tradicionalmente vocacionadas para as culturas cerealíferas estão a ser convertidas em áreas de culturas permanentes, nomeadamente com a instalação de castanheiros para fruto.

Comportamento oposto é observado no **Planalto Mirandês** onde, apesar das sementeiras tardias, os cereais de outono/inverno se apresentam em bom estado vegetativo, não tendo sido registados casos de amarelecimento resultante do excesso de água nos solos.

O atraso da sementeira reflete-se apenas no atraso de desenvolvimento, face a igual período de 2025.

Apesar dos efetivos de animais criados na região registar diminuições graduais, os produtores pecuários declaram que as áreas semeadas com aveia são sensivelmente as mesmas da época anterior. Por outro lado, alguns produtores revelam desencorajamento no que diz respeito à sementeira de trigo, justificado pelo aumento dos custos de produção e pela descida do preço pago ao agricultor.



Figuras 47 e 48. Parcela de aveia em Mogadouro, com pormenor da aveia germinada, 13.01.2026. A cultura está em bom estado vegetativo, mas o desenvolvimento está atrasado, pois a sementeira foi realizada no dia 11.11.2025, Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 49. Mesma parcela das fotos anteriores, mas onde são visíveis marcas da passagem de javalis, que neste caso não terão mostrado interesse na cultura (mas que em certas ocasiões podem destruir parcelas inteiras)
Foto por: Miguel Martins



Figuras 50 e 51. Parcela de trigo e aspeto das plantas, 13.01.2026, Vila de Ala - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 52. Mesma parcela de trigo das fotos anteriores, de 16.12.2025, onde se nota um gradual, mas lento desenvolvimento das plantas, face a janeiro, causado pelo excesso de água no solo e pelo frio, Vila de Ala - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 53 e 54. Parcela de tritcale e aspeto das plantas, onde é visível o bom estado de desenvolvimento vegetativo da cultura, 13.01.2026, Tó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 55. Mesma parcela de tritcale das fotos anteriores, em 16.12.2025, Tó - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 56 e 57. Campo de trigo e aspeto pormenorizado das plantas, 14.01.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 58. Aspeto do trigo na mesma parcela das fotos anteriores, mas em 16.12.2025, Prado Gatão – Miranda do Douro
Foto por: Miguel Martins



Figuras 59 e 60. Parcela semeada com aveia e pormenor das plantas, 14.01.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 61. Mesma cultura de aveia das fotos anteriores, mas em 16.12.2025, exemplificando o desenvolvimento lento das culturas, em especial nos meses de inverno
Foto por: Miguel Martins

Na **Terra Quente** o estado atual dos cereais reflete de forma clara as condições climáticas que se fizeram sentir ao longo do mês de janeiro (e também nos meses anteriores). As temperaturas baixas, associadas a períodos de elevada precipitação, condicionaram o desenvolvimento vegetativo das culturas instaladas.

Os cereais de outono/inverno apresentam, de um modo geral, um fraco desenvolvimento, por comparação com os anos anteriores. Nesta fase do ciclo cultural o crescimento é inferior ao observado no mesmo período de 2025, evidenciando um atraso de desenvolvimento, dado que as condições limitaram a emergência e o afilhamento das plantas, fatores essenciais para o potencial produtivo final.

Relativamente à área semeada com cereais, tudo indica que se mantenha muito semelhante à do ano anterior, não se verificando alterações significativas na ocupação desta cultura na região.



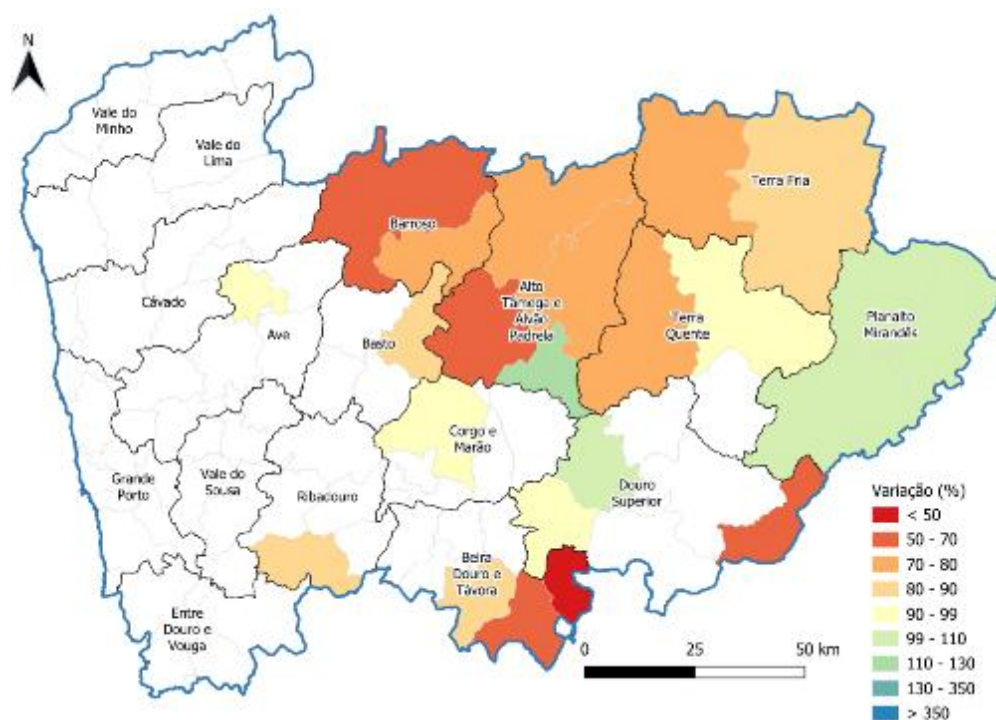
Figuras 62 e 63. Parcela de cereal semeado atempadamente em zona alta sem alagamento (esq.) e parcela onde se nota que as temperaturas baixas têm impedido o normal desenvolvimento dos cereais (dir.), Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Figuras 64 e 65. Sementeiras mais tardias, que sofrem pelas baixas temperaturas e pelo solo saturado de água, Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Mapa 2. Evolução da área semeada com centeio para grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

4 Fruticultura

4.1 Entre Douro e Minho

Citrinos

Consoante as variedades, os citrinos estão a completar o seu ciclo e a finalizar a maturação, prevendo-se um bom ano de produção para todo o tipo de citrinos – boa produção e boa qualidade das laranjas, clementinas e tangerinas. As árvores apresentam uma boa carga de fruto, registando-se, no entanto, muita queda devido ao vento e chuva fortes e aos ataques de Míldio dos citrinos (ou “Aguado”).

Apesar da frequência de dias chuvosos, não tem havido prejuízos significativos associados ao Míldio, com os produtores certificados em modo de produção biológico da zona de observação de Ribadouro e Sousa a referir facilidade de venda e a preços favoráveis. Os restantes produtores, especialmente de limão, têm dificuldade no escoamento das suas produções.



Figura 66. Desenvolvimento vegetativo de pomar de laranjeiras jovem, Amares, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura



Figura 67. Laranjeira no Marco de Canaveses, zona de observação de Ribadouro
Foto por: Joaquim Moreira

Este ano houve muita fruta vingada, mas o calibre é pequeno e o fruto colhido não tem poder de conservação.

Na zona de observação do Lima, é importante destacar que muitos dos pomares apresentam sinais de envelhecimento e carecem de intervenções de manutenção.

4.2 Trás-os-Montes

Citrinos

Na região transmontana, os pomares de citrinos são praticamente as únicas culturas permanentes que de momento não se encontram em repouso vegetativo.

Não se trata de uma cultura representativa, mas as primeiras laranjas já começaram a ser consumidas e comercializadas, pois os frutos já estão doces e sumarentos. A água, tendo sido uma constante nestes últimos meses, assegura a esta cultura uma (boa) produção, semelhante à do ano anterior.

Na Terra Quente (Vale da Vilariça) e em locais mais quentes junto aos Rios Douro e Tua encontramos alguns pomares extremes de citrinos, cuja produção é comercializada quer em mercados locais, quer fora da região.

No Planalto Mirandês também encontramos alguma área de citrinos, que são comercializados em mercados locais.

Pomóideas, Prunóideas

Estas fruteiras permanecem no repouso vegetativo, período em que os produtores aproveitam para realizar as podas, o controlo da vegetação infestante e a instalação de novos pomares ou substituição de pomares mais enfraquecidos (essencialmente devido à idade).



Figuras 68 e 69. Parcela onde foram arrancadas cerejeiras “velhas”, já preparada para nova plantação (esq.) e parcela replantada no ano anterior (dir.), 13.01.2026, Britiande - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 70. Pomar de macieiras antes da realização de podas, 13.01.2026, Armamar

Foto por: Suzana Fonseca

Sabugueiros

Antecipando em cerca de um mês aquele que tem sido o comportamento da cultura nos últimos anos, os sabugueiros da região do Douro Sul (localizados com maior incidência nos concelhos de Tarouca e Armamar) iniciaram o processo de abrolhamento na primeira quinzena de janeiro. Imediatamente após as podas, e apesar do frio e da chuva intensa que se fez sentir na região, já foi possível observar plantas a emitir os primeiros lançamentos do ano.



Figura 71. Sabugueiros a iniciar o abrolhamento, Meixedo – Tarouca, 18.02.2025

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 72. Sabugueiros a iniciar o abrolhamento, Meixedo – Tarouca, 13.01.2026

MESMA PARCELA

5 Olival

5.1 *Entre Douro e Minho*

A campanha da azeitona para azeite da zona de observação do Minho terminou no mês de dezembro, mas os lagares continuam a laborar azeitona proveniente de outras regiões. A quantidade de azeitona vingada foi muita e os produtores “colheram tudo o que havia”. A qualidade do azeite produzido foi boa e o rendimento também foi superior ao normal.

Na zona de observação do Lima, a campanha ficou marcada pela retoma da colheita por parte de muitos agricultores que, em anos anteriores tinham desistido, devido à escassez de azeitona e ao esforço exigido pela colheita, com o elevado preço do azeite a constituir um incentivo adicional à retoma da atividade. Nesta zona, as variedades predominantes são a verdeal e a galega, com a qualidade do azeite a ser considerada boa, até ao momento.

No lagar de Bravães, apesar da laboração se ter iniciado mais cedo que no ano anterior, a afluência de produtores foi muito elevada e houve filas de espera.

Nos dois lagares da zona de observação do Cávado registou-se grande entrega de azeitona para azeite da zona, sendo que continuaram a laborar azeitona de outras regiões, não só para satisfazer as necessidades dos clientes na época Natalícia, mas também para rentabilização do lagar.

Na zona de observação do Ave, o lagar de Arco de Baúlhe terminou a laboração em meados de janeiro, tendo laborado muito menos azeitona (-42%) que no ano anterior, entre o fruto local e aquele que importa do Alentejo.

Os lagares de azeite da zona de observação de Ribadouro e Sousa terminaram a laboração de azeitona da região pelo Natal, embora alguns deles continuassem a receber azeitona da região do Douro e Trás-os-Montes.

Regra geral a azeitona apresentou um bom rendimento, com o azeite a apresentar boa qualidade.

A previsão aponta para um grande aumento da produção de azeitona para azeite (6 vezes mais), por comparação com o ano transato.

5.2 Trás-os-Montes

A campanha da apanha de azeitona para azeite terminou na primeira quinzena de janeiro, tendo decorrido sem percalços. Confirmam-se as quebras de produção previstas em Boletins anteriores, com as maiores perdas a registarem-se em concelhos do Douro Superior (atingindo os 40%).

Importa salientar que estas quebras de produção se devem a fatores tão distintos como a menor quantidade de azeitona disponível, a dimensão dos frutos, a disponibilidade e custo da mão de obra existente e o valor pago pelo azeite laborado.

O Douro Superior é uma região fortemente desertificada, onde os produtores enfrentam graves dificuldades ao nível da mão de-obra, que é simultaneamente escassa e onerosa. O preço alcançado pelo azeite este ano não compensou os custos da colheita, uma vez que os calibres da azeitona e o respetivo rendimento em azeite foram inferiores aos registados em outras campanhas. Trata-se de uma questão relevante que merece reflexão, dado que, de ano para ano, o custo da mão-de-obra se torna um fator cada vez mais condicionante da atividade agrícola na região.

Na Terra Fria, a principal unidade de transformação terminou a laboração 3 dias mais cedo que no ano anterior, por quebras na quantidade de azeitona disponível: -30% face à campanha anterior (sendo que o maior volume de entregas ocorreu no mês de dezembro). Segundo responsáveis dessa unidade, o rendimento médio da campanha situou-se nos 19%, com um grau de acidez médio compreendido entre 0,2° e 0,3° - o que, entre outros parâmetros, posiciona o azeite como virgem extra, de excelente qualidade e com ótimas propriedades organoléticas.

As condições meteorológicas dos últimos meses dificultaram a colheita da azeitona e a operacionalização das máquinas.

Relativamente ao bagaço da azeitona, nenhuma das unidades de transformação manifestou problemas com as entregas deste subproduto, tendo sido recolhido na totalidade pela AUCAMA, que assegurou o transporte e o pagamento do kg de bagaço, para posterior extração de óleo.

No Planalto Mirandês o quadro foi idêntico, com a colheita a decorrer com normalidade, apesar das quebras de produção.

Uma das unidades locais de extração de azeite indicou rendimentos na ordem dos 14%, equivalente a uma funda de 7,1-7,2.

Na Terra Quente a campanha ficou marcada por uma redução significativa da quantidade de azeitona produzida e, conseqüentemente, do volume de azeite obtido. Apesar desta diminuição, e contrariamente ao que seria expectável, as cotações do azeite não registaram subidas. Pelo contrário, verificaram-se mesmo descidas de preços ao longo da campanha, o que teve um impacto negativo na eficiência da apanha.

Este comportamento do mercado ficou a dever-se, em grande parte, à existência de *stocks* de azeite provenientes da campanha anterior e às boas produções registadas nos principais países produtores europeus, com destaque para a Espanha. Este aumento da oferta nos mercados exerceu uma forte pressão sobre os preços, num contexto em que não se verificou o défice de produto inicialmente previsto. A baixa procura revelou-se particularmente desfavorável aos produtores regionais, levando a que muitos olivais, sobretudo os de menor produção, não fossem colhidos, uma vez que os custos de colheita e transporte não eram compensados pelo valor do azeite vendido.



Do ponto de vista técnico o rendimento da azeitona foi positivo ao longo de toda a campanha. A azeitona desenvolveu-se num contexto de seca, apresentando uma fraca percentagem de água, o que contribuiu para bons rendimentos em lagar desde o início até ao final da laboração. Importa ainda salientar que, ao contrário do ano anterior, não se registou pressão significativa de pragas como a Gafa ou a Mosca-da-Azeitona, tendo ocorrido apenas alguns casos pontuais, sem gravidade.

Em termos qualitativos o balanço é claramente positivo e o azeite desta campanha classifica-se como bom a excelente, apresentando uma qualidade superior à da campanha anterior, o que reforça o reconhecimento da região como produtora de azeites de elevada qualidade.

A tentativa de inverter o sistema de produção de azeitona em Trás-os-Montes surge num contexto de crescente pressão económica sobre os produtores. O olival tradicional, com os níveis de produtividade atuais, tem deixado de ser motivador, levando alguns produtores a procurar modelos alternativos de produção. Importa, contudo, ressaltar que a adoção de sistemas intensivos ou superintensivos não constitui uma solução viável para a região.



Figuras 73 e 74. Nova plantação de olival em sistema superintensivos, com sistema rega instalado

Fotos por: Paulo Guedes

Trás-os-Montes enfrenta uma concorrência direta do Alentejo e de países como a Espanha, onde predominam explorações de grande dimensão, altamente mecanizadas, com acesso a regadio e custos de produção muito inferiores.

As características próprias da região – nomeadamente a orografia acidentada, o minifúndio, a **escassez de água** e as condições edafoclimáticas – limitam fortemente a implementação destes modelos de produção, colocando os produtores transmontanos numa posição de desvantagem competitiva difícil de ultrapassar.

Perante este cenário, o futuro da olivicultura na região não passa pela competição em quantidade, mas sim pela diferenciação. O olival tradicional, longe de ser um entrave, deve ser encarado como um ativo estratégico, capaz de produzir azeites de elevada qualidade, com identidade própria, reconhecidos e valorizados pelos consumidores.

O azeite DOP Trás-os-Montes representa exatamente essa mais-valia, associando práticas agrícolas tradicionais, variedades autóctones e um território único, que se refletem num produto de excelência.

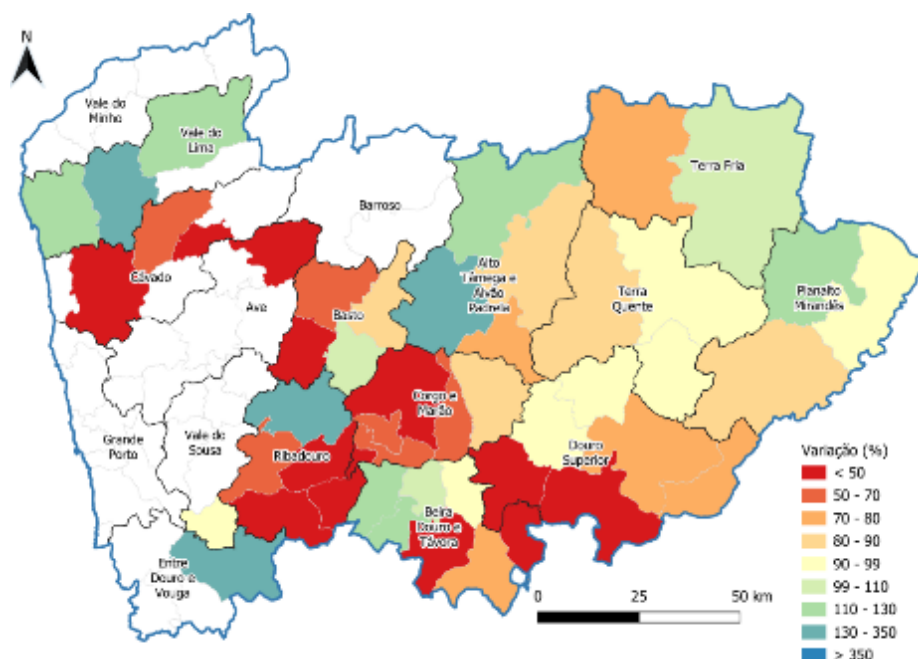
A valorização do azeite DOP e do olival tradicional permite acrescentar valor ao produto final, melhorar o rendimento dos produtores e garantir a sustentabilidade económica, ambiental e social da região. Preservar o olival tradicional representa, assim, a preservação da paisagem, da biodiversidade e da herança cultural de Trás-os-Montes, enquanto se aposta num modelo de produção diferenciado, competitivo e orientado para a qualidade.

Por toda a região transmontana, após terminar a colheita da azeitona e aproveitando o período de repouso vegetativo das plantas, os produtores deram início às podas das oliveiras.



Figuras 75 e 76. Realização de poda de manutenção em olival tradicional, Salzedas - Tarouca, 13.01.2026

Fotos por: Suzana Fonseca



Mapa 3. Evolução da produção da azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

6 Prados, pastagens e culturas forrageiras

6.1 Entre Douro e Minho

Normalmente, as culturas forrageiras começam a desenvolver-se mais a partir do final de fevereiro, com o aumento do número de horas de luz. Neste momento as baixas temperaturas e a saturação do solo impedem a multiplicação celular, provocando asfixia radicular.



Figuras 77 e 78. Azevém forrageiro com bom desenvolvimento vegetativo, em solo bem drenado (esq.) e a mesma cultura em parcela com problemas de asfixia radicular devido ao excesso de água no solo (dir.), zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Figuras 79 e 80. Consociação azevém x tritcale em solo bem drenado e com bom desenvolvimento vegetativo à esquerda; à direita a mesma consociação com desenvolvimento irregular devido ao encharcamento do solo, Verdoejo – Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves



Figura 81. Campo de aveia forrageira semeada a 20.11.2025, em que do lado esquerdo são visíveis manchas da cultura amarelas, devido ao encharcamento do solo, Sta Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia



Figura 82. Campo de azevém, com a cultura submersa, Trofa, zona de observação do Grande Porto
Foto por: Alexandre Torres

O encharcamento do solo é um fator limitante do desenvolvimento. As condições climáticas atrasaram as sementeiras das forragens de inverno e, tendo em conta a previsão de continuação e até agravamento do nível de precipitação, prevê-se que esse atraso persista, comprometendo a realização da operação especialmente em parcelas de cotas mais baixas. Quanto às sementeiras realizadas mais cedo, no início do outono, as plantas instalaram-se facilmente e apresentam desenvolvimento vegetativo satisfatório.

Apesar de ser prática comum a aplicação de herbicida para controlo do saramago (*Raphanus raphanistrum*), este ano não tem sido possível aplicá-lo em grande parte das parcelas, porque os tratores não podem entrar nos campos.



Figura 83. Desenvolvimento vegetativo de pastagens permanentes pobres, Terras de Bouro, zona de observação do Cávado

Nota: A “gaiola” pertence ao estudo sobre produção das pastagens permanentes pobres, que está a ser realizado pela Divisão de Programas e Avaliação
Foto por: Maria Laura

A disponibilidade de matéria verde para alimentação animal é normal para esta época. Quando o pastoreio não é possível, devido às más condições climáticas, ou quando as pastagens não oferecem alimento suficiente, a alimentação das diferentes espécies pecuárias tem sido assegurada através de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais.



Figura 84. Desenvolvimento vegetativo de pastagens temporárias, com pastoreio, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 85. Ovinos e caprinos em pastoreio nos lameiros de Cubalhã – Melgaço, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

6.2 Trás-os-Montes

A região transmontana é rica em áreas de pastagens – temporárias, permanentes, arbustivas, pobres, de sequeiro ou de regadio – que nesta altura do ano se apresentam regra (quase) geral com um bom desenvolvimento vegetativo, embora menor se compararmos com o mesmo período do ano anterior.

Os lameiros disponibilizam grandes quantidades de matéria verde, embora o encharcamento resultante da elevada precipitação registada nos últimos meses inviabilize, em determinadas situações, o pastoreio direto pelos diferentes efetivos pecuários. Não foram reportados até à data casos de amarelecimento causado pelo excesso de água no solo, mas na segunda quinzena do mês as condições meteorológicas agravaram-se, não estando reunidas as condições ideais ao pisoteio dos animais.

Nos dias e noites mais frios, em que ocorre formação de geada e gelo, bem como nos períodos de precipitação mais longos, os produtores pecuários recorrem aos alimentos grosseiros que foram armazenados durante a última primavera/verão, tais como feno, aveia, rações e silagens, para alimentar os efetivos estabulados.

É frequente observar em dias mais solarengos, sem precipitação nem formação de gelo, os diferentes efetivos pecuários em pastoreio.



Figura 86. Pastagem permanente de sequeiro, Carrazedo – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 87. Pastagem permanente de sequeiro, com ovinos em pastoreio, São Jomil – Vinhais



Figura 88. Pastagem permanente de regadio, Fresulfe - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 89. Pastagem permanente de regadio, Rebordãos - Bragança

Tal como referido no Boletim do mês anterior, na Terra Fria todas as culturas forrageiras apresentam um fraco desenvolvimento vegetativo – as aveias e as misturas das diferentes culturas forrageiras continuam pouco densas, sem afilhamento e com menor altura, quando comparados com o ano anterior e com o que seria normal para a área de observação e para a época do ano (ver fotos 90 a 95). Este atraso, transversal às culturas forrageiras e aos cereais, resulta do excesso de precipitação na altura da sementeira, que inviabilizou a instalação das culturas e comprometeu a sua germinação.



Figura 90. Cultura forrageira (aveia), janeiro de 2026, Vilar de Lomba - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 91. Cultura forrageira, janeiro de 2026, Carrazedo - Bragança



Figura 92. Cultura forrageira (aveia para enfardar), janeiro de 2025, Deilão – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 93. Cultura forrageira (aveia para enfardar), janeiro de 2025, Rebordelo – Vinhais



Figura 94. Cultura forrageira, mistura de tritcale com leguminosas, janeiro de 2025, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 95. Cultura forrageira, mistura de tritcale com leguminosas, janeiro de 2026, Gostei – Bragança
MESMA PARCELA

As parcelas semeadas com nabo forrageiro continuam a ser disponibilizadas como alimento aos diferentes efetivos pecuários. Os nabos apresentam bom desenvolvimento vegetativo, tanto da parte aérea da planta como da parte radicular e, segundo os produtores, apresentam boa qualidade e são apreciados pelos animais por estarem tenros, à semelhança do que aconteceu na campanha anterior.

Contudo, a ocorrência de geadas e a ação do frio, pela passagem da tempestade “Ingrid”, afetou a parte aérea da cultura, queimando as folhas.



Figura 96. Lameiro em que se percebe o despontar da matéria verde, mas com desenvolvimento lento (caso comum a outros locais), 13.01.2026, Brunhosinho - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figura 97. Mesma parcela da foto anterior, mas em 13.01.2025, onde é perceptível a diferença no estado e desenvolvimento da matéria verde, Brunhosinho - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 98 e 99. Parcelas de lameiro contígua, 13.01.2026, Brunhosinho – Mogadouro. Na imagem da esquerda é possível o pastoreio, mas na imagem da direita, localizada em cota ligeiramente mais baixa e sem grande escoamento, o encharcamento é frequente e menos possível de pastorear (situação espelho de um grande número de parcelas nas mesmas condições)

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 100 e 101. Mesma parcela de pastagem permanente em 13.01.2025 (esq.) e 14.01.2026 (dir.), Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 102 e 103. Parcela de cultura forrageira, em pormenor à direita (trevo branco, rico em nutrientes e proteína e importante para integrar azoto no solo), com mistura de aveia e herbáceas espontâneas, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 104 e 105. Mesma parcela de pastagem permanente em 13.01.2025 (cima) e 14.01.2026 (baixo), onde se percebe que a matéria verde se apresentava mais densa e mais alta no ano anterior, Penas Roias – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Na Terra Quente os prados e as pastagens registam um desenvolvimento vegetativo abaixo das expectativas, o que poderá ter implicações na disponibilidade de forragem, caso as condições climáticas adversas se prolonguem.

7 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Ano Agrícola 2024/2025

Tabela 1. Evolução da produção de azeitona de mesa e azeitona para azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona para azeite	
	%	t/ha
Entre Douro e Minho	595	1 268
Ave	100	9
Basto	182	64
Cávado	746	60
Entre Douro e Vouga	1 048	75
Grande Porto	298	0
Ribadouro	308	196
Vale do Lima	991	771
Vale do Minho	1 153	65
Vale do Sousa	404	28
Trás-os-Montes	76	81 274
A. Tâmega e Alvão P.	73	9 746
Barroso	100	1
Beira Douro e Távora	95	4 733
Corgo e Marão	93	3 938
Douro Superior	73	13 610
Planalto Mirandês	90	8 623
Terra Fria	85	4 332
Terra Quente	71	36 291
Região Norte	77	82 542

Ano Agrícola 2025/2026

Tabela 2. Evolução da área semeada de cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Aveia		Centeio		Cevada		Trigo		Triticale	
	%	ha	%	ha	%	ha	%	ha	%	ha
Entre Douro e Minho	99	134	100	154	–	–	100	12	–	–
Ave	100	34	100	29	–	–	–	–	–	–
Basto	100	16	100	28	–	–	100	4	–	–
Cávado	100	23	100	28	–	–	–	–	–	–
Entre Douro e Vouga	100	18	100	2	–	–	–	–	–	–
Grande Porto	100	12	100	1	–	–	–	–	–	–
Ribadouro	100	8	100	33	–	–	100	8	–	–
Vale do Lima	93	4	100	19	–	–	–	–	–	–
Vale do Minho	92	11	100	6	–	–	–	–	–	–
Vale do Sousa	100	9	100	9	–	–	–	–	–	–
Trás-os-Montes	100	2 048	98	6 496	100	127	99	1 993	100	427
A. Tâmega e Alvão P.	100	92	100	1 968	100	9	100	55	100	15
Barroso	100	24	100	844	–	–	100	8	–	–
Beira Douro e Távora	100	12	82	108	–	–	–	–	–	–
Corgo e Marão	100	4	91	19	90	1	–	–	–	–
Douro Superior	100	45	95	149	100	10	94	41	–	–
Planalto Mirandês	100	1 034	100	1 069	100	49	100	1 324	100	304
Terra Fria	98	413	95	1 729	100	37	95	365	100	72
Terra Quente	100	424	100	609	100	21	100	200	100	36
Região Norte	99	2 183	98	6 650	100	127	99	2 004	100	427